

VOZ

das

CINCO VILAS

AVENÇA

ANO V  
FEVEREIRO DE 1971

N.º 50

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR: ADRIANO SIMÕES SANTO. — REDACTORES: ACÍLIO E. ROCHA, CARLOS M. MENESES FALCÃO. — ADMINIST.: SERAFIM AFONSO, ARMÉNIO M. FERREIRA — Comp. e Imp.: Gráfica de Coimbra

Redacção e Administração  
CHÃO DE COUCE (Tel. 32191—Avelar)

PERIÓDICO REGIONAL DE INFORMAÇÃO

## COMO EU VI OS PAÍSES SOCIALISTAS

O Rev. Doutor António Freire — Entrevistado pelo nosso Redactor  
ACÍLIO DA SILVA ESTANQUEIRO ROCHA

O Rev.º Doutor António Freire, de gravata, como se estila nos países socialistas, lendo o seu discurso perante os congressistas em Bucareste, que lhe valeu o mais alto apelativo de «Cícero Redivivus» (Cícero Ressuscitado).

«VOZ DAS CINCO VILAS» não quis deixar de aproveitar este ensejo que se lhe proporciona para colher as diversas lições da viagem que o Rev. Senhor Doutor António Freire efectuou recentemente a países socialistas. Orador, Mestre, Humanista, o Senhor Doutor Freire sabe valorizar ao máximo as suas viagens e transmitir ao público o ensinamento nelas haurido. A cada viagem segue-se um novo livro que não se reduz somente a um relatório de impressões mas, para além delas, proporciona-nos páginas repassadas de invulgares lições de Humanismo, Arte, História e Linguística; assim, por exemplo, «Grécia Antiga e Grécia Moderna» (da sua viagem à Grécia), «Israel Antigo e Moderno» (da sua viagem ao Médio Oriente).

Filho da nossa terra, todos conhecemos o calor da sua palavra e o fulgor do seu estilo, não somente pelos diversos artigos com que tem valorizado as páginas do nosso jornal, mas também pelas alocuções que tem proferido entre nós.

Insigne Mestre na Faculdade de Filosofia de Braga onde ministra várias disciplinas (Língua e Filosofia Latina, Língua e Filosofia Grega, História da Cultura Clássica), grangeou, pelo seu saber, a admiração de professores e alunos. A sua actividade cultural tem sido vastíssima, já pelos artigos que escreve regularmente em revistas especializadas em vários campos do saber humano (sobretudo em Linguística, Filosofia Clássica e Filosofia), já pelas muitas conferências que profere, já pela galeria de livros com que tem enriquecido a Cultura Portuguesa; assim, por exemplo, «Platão — Aspectos da sua Filosofia» (1954), «Gramática Latina» (1959), «Gramática Grega» (1959) Conversação Latina (1960), Estudos da Cultura Greco-Latina (1960), «Problemas da Gente Nova» (1960), «Selecta Grega» (1961), «Retroversão Latina» (1962), «Lições de Língua e Literatura Latina» (1962), «Selecta Grega» (1963), «A Tragédia Grega» (1963), «Com Eles...» (versão do inglês 1963), «Selecta Latina Suplementar» (1963), «Grego Moderno» (1964), «História da Literatura Grega» (versão do francês, 1964), «Grécia Antiga e Grécia Moderna» (1965), «Israel Antigo e Moderno» (1967), «Du Grec Ancien au Grec Moderne» (1966), «Aspectos da Ideia de Deus em Platão» (1967), «Conceito Helenico de Fatalidade» (1967), «A Pólis Ideal segundo Platão» (1968), «O Conceito da Moira da Tragédia Grega» (1969), alguns dos quais «Voz das Cinco Vilas» tem referenciado nas suas colunas, em «Vida Literária».

Representou recentemente o nosso país no VI Congresso Internacional de Latim Vivo, realizado em Bucareste (Roménia), 28 de Agosto a 3 de Setembro de 1970. Nele participaram mais de 600 congressistas de todos os recantos do globo (ingleses, america-

(Continua na pág. 2)

—Sr. Dr. António Freire, «A Voz das Cinco Vilas» deseja entrevistar V. Rev.º sobre a sua recente digressão pelos países socialistas. Quer dar-lhe a honra da sua entrevista?

—«Com muito prazer. Sempre assoberbado de trabalho, que é hábito de que não consigo corrigir-me, mas também sempre disposto para acolher de braços abertos amigos como V., meu caro Acílio. Sabe? Leio sempre de fio a pavio «A Voz das Cinco Vilas»: traz-me ecos longínquos das gentes e das terras que em criança palmilhei e nas quais algumas vezes preguei já, depois de padre. Embora compromissos profissionais só raramente me permitam arribar por essas paragens tão bucólicas, creia que eu não esqueço nem as paisagens, nem os homens (muitos deles grandes admiradores meus e dedicados amigos da minha família); e o meu único remorso é conservar-me tão afastado de terras tão gratas e de pessoas tão amigas. Permita-me que aqui publicamente agradeça e retribua saudações simpáticas e generosas de amigos, como: P.º Melo, P.º Manuel, P.º Adriano, P.º José

Carlos, Sr. Comendador Alberto Mendes Rosa, Prof. Oliveira, Sr. D. João, Sr. Alfredo Caetano, Prof. M. da Silva, Fernando Marques e tantos outros, cujos nomes, por brevidade, tenho de omitir.

Venham lá essas perguntas».

—Na sua recente digressão, Sr. Dr. Freire, quais os países socialistas que visitou?

—«A minha viagem do último verão foi a mais longa e variada que empreendi até hoje; um mês e dois dias, quase a andar, de comboio e sózinho. Depois de transpor a Espanha, França, Bélgica e Alemanha, subi à Suécia e regressé a Paris; dali atravessei a Suíça, a Itália e internei-me nos países da Cortina de Ferro: Jugoslávia, Bulgária, Roménia, Hungria... Estive no Norte da Grécia, em Salonica e no famoso Monte Atos, onde não é permitida a entrada a mulher nem a fêmea alguma. Quis ir à União Soviética mas não foi possível: tinha de reservar hotéis, que estavam cheios no mês de Agosto; só me deixavam no mês de Setembro, mas nessa data tinha eu de regressar a Portugal, após o Congresso de Latim na Roménia».

(Continua na pág. 2)



Terras da Nossa Região

AGUDA

(Foto Mário Mendes)

No alto da serra que lhe dá o nome, a vila de Aguda é uma presença viva, marcada por um querer forte de progresso.

Algumas construções se têm feito nos últimos anos e ali chegou, também, recentemente, a energia eléctrica e o benefício duma estrada renovada.

A sua igreja, de torre altaneira, apontando os caminhos de Deus, é um templo cheio de beleza, bem cuidado, inspirando fé e recolhimento.

Ir à Aguda é ir ao encontro duma terra graciosa, lavada, a dominar vastos horizontes, de ares puros e de gente de bem, hospitaleira e crente.

## Automatizada a rede telefónica de Avelar

A meia-noite do passado dia 5, foi inaugurado, no Avelar, um importante melhoramento, que muito poderá contribuir para o seu progresso. Trata-se da automatização da rede telefónica, antiga aspiração da população da vila e região (Chão de Couce, Cumieira, Aguda) e preocupação dominante dos industriais que aqui dirigem importantes estabelecimentos fabris.

Com este melhoramento, poderá facilitar-se a celeridade das relações comerciais, o que até agora era difícil, dado que as ligações se tornavam, por vezes, particularmente morosas.

Ao acto inaugural, simbólico, presidiu o vice-presidente do Município de Ansião, sr. Alfredo Dias Coelho, e estiveram presentes, por parte da companhia concessionária dos Telefones, o eng.º Mota Lopes, e ainda o dr. Joaquim Brites.

A notícia da concretização deste melhoramento causou justificado contentamento entre a população de Avelar e sua região.

Jorge  
Manuel  
Ferreira

Hoje se publica a fotografia do desventurado jovem Jorge Manuel Vila Real Ferreira, natural da Beira, filho do sr. Raúl Marques Ferreira e da sr.ª D. Maria Fernanda Vila Real Ferreira, o qual, conforme noticiámos, perdeu a vida, em trágico desastre, aos 19 anos de idade, no passado mês de Dezembro.

Os seus restos mortais repousam no cemitério de Chão de Couce.

Ambulância  
para o hospital  
de Avelar

A Administração do Hospital de Avelar da Fundação de Nossa Senhora da Guia, de Avelar, continua a desenvolver grande actividade para dotar os respectivos serviços das melhores condições na prestação de assistência aos doentes das Cinco Vilas.

Foi conseguido junto do Ministério da Saúde e Assistência a comparticipação de 63.000\$00

(Continua na pág. 2)

# POUSAFLORES COMO EU VI OS PAÍSES SOCIALISTAS

Óbitos

No dia 27 de Janeiro, no lugar da Venda do Negro, faleceu, tendo sido confortado com os Sacramentos da Santa Igreja, António Fernandes, de 53 anos de idade, casado com Maria da Conceição Patancas. Deixa 14 filhos na orfanidade, tendo o mais novo a idade de 3 anos. É a família mais numerosa da freguesia e possivelmente do concelho. Foi sepultado no cemitério de S. João de Brito, sendo celebrada Missa de corpo presente, em sufrágio d sua alma.

— Neste mesmo dia foi também a sepultar no cemitério de S. João de Brito, José Martins, casado com Deolinda Ladeira, do lugar da Bairrada, falecido nos Hospitais da Universidade de Coimbra, em consequência dum desastre por atropelamento junto à vila de Pombal, ocorrido no dia 7 de Dezembro de 1970. Também foi sufragada a sua alma com Missa de corpo presente.

Paz às suas almas e condolências às famílias enlutadas.

## Casamento

No dia 31 de Janeiro, na capela de S. João de Brito, uniram-se em matrimónio, a que presidiu o sr. P.º Ricardo Gonçalves, os nubentes José Rodrigues Valente, de 27 anos de idade, natural e residente na paróquia de Ansião e a menina Maria Olinda de Jesus, de 25 anos de idade, natural da freguesia de Abiul, onde foi baptizada, mas residente no lugar de Albarrol, desde os 5 anos de idade. Foi adoptada como filha pelo sr. Isaias Marques. Testemunharam o acto, Luís dos Santos Pires, casado, residente na Gafanha da Nazaré, concelho de Ilhavo e Armindo Caetano da Silva, guarda fiscal, natural do dito lugar de Albarrol e residente em Carnaxide, Algs. Foi celebrada Missa de noivos.

Que o Senhor cubra de bênçãos durante uma longa vida o novo lar cristão.

## Falecimento

### D. Felismina da Conceição

Faleceu em Avelar a sr.ª D. Felismina da Conceição, de 83 anos de idade, viúva de Augusto Simões Fareleiro, senhora muito estimada pelas suas qualidades.

Era mãe da sr.ª D. Maria Benilde Simões Coelho, casada com o sr. Alfredo Dias Coelho, comerciante, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Ansião e Presidente da Direcção Administrativa da Fundação de Nossa Senhora da Guia, de Avelar, e da sr.ª D. Gracinda da Conceição Simões e dos srs. António Simões Fareleiro e Alfredo Simões Fareleiro, ausentes em Angola, e tia dos srs. Alfredo Simões Fareleiro, comerciante e vereador da Câmara Municipal de Ansião, e Armando Simões Fareleiro, industrial, residentes nesta vila, e da sr.ª D. Júlia Simões da Silva, casada com o sr. Adelino Pinheiro da Silva, residentes em Coimbra.

O seu funeral, realizado para o cemitério local, constituiu grande manifestação de pesar e nele se incorporaram inúmeras pessoas desta localidade e das freguesias vizinhas.

À família enlutada apresentamos a expressão do nosso pesar.

(Continuado da 1.ª pág.)

nos, alemães, franceses, espanhóis, italianos, polacos, checos, gregos, russos, vietnamitas, jugoslavos, etc.); de Portugal estava apenas o Rev. Doutor António Freire. Ao ouvir a pergunta: «Ex Lusitania estne aliquis qui ambonem conscendere velit?» (Em português: «Alguém de Portugal deseja subir à tribuna?»), imediatamente se encaminhou para o ambão dos oradores e, embora desprevenido, deleitou a Magna Assembleia num brilhante improviso, com o seu latim belo e fluente, sendo interrompido largamente por salvos de palmas. A lição que proferiu intitulada «QUANTUM LATINA LINGUA RENATARUM LITTERARUM AETATE IN LUSITANIA FLORUERIT» (= Esplendor do Latim em Portugal durante o Renascimento) valeram-lhe o apelativo de «ORATOR ELOQUENTISSIMUS» (= Orador Eloquentíssimo) e o mais alto epíteto de «CICERO REVIVIVUS» (= Cícero Ressuscitado): com efeito, Cícero que viveu de 106-43 a. C. foi dos oradores romanos mais eloquentes e dos escritores que melhor soube cultivar a língua latina. Já, porém, no Congresso de Lião, em 1959, dele escrevera um célebre periódico: «Oratorem Disertum Habemus» (= Temos Orador Eloquentemente).

## ENTREVISTA

(Continuado da pág. 1)

### PROGRESSO SOCIAL E TÉCNICO?

— Como interpreta V. Rev.º o progresso social e técnico desses países?

— «O progresso nos países socialistas é muito discutível; pelo menos, é preciso distinguir. Do ponto de vista cultural, há um elemento muito positivo: a obrigatoriedade do ensino durante 8 anos na Jugoslávia, 10 anos nos restantes países da Cortina e 12 anos na União Soviética. Durante este período que compreende os estudos elementares e ginasiais, bem como na Universidade, a instrução é gratuita; o Governo abre escolas, liceus e universidades, proporciona alojamento gratuito aos estudantes, que só têm de pagar os livros; mas mesmo para estes, o Estado concede subsídios. É claro que nalguns países, os estudantes têm que reembolsar depois o Estado; noutros, como a Roménia, apenas têm que leccionar durante dois ou três anos nos estabelecimentos indicados pelo Estado.

Em geral, línguas ocidentais, como francês, inglês e alemão, falam pouco; só na Roménia é que vi generalizado o uso do francês. Encontrei grupos de estudantes russos, em que muito poucos arranhavam o inglês. A Bulgária foi a que me pareceu mais atrasada com respeito a idiomas. Em nenhum país socialista encontrei a facilidade linguística que se me deparara na Suécia, onde todos os estudantes falam correntemente o inglês, ou na Grécia, onde o francês e o inglês são línguas correntes, ou no Luxemburgo e na Holanda, onde até crianças de instrução primária falam facilmente dois ou três idiomas. O russo está bastante generalizado na nova geração dos países socialistas.

Quanto ao progresso social e técnico, devo dizer-lhe que os países da Cortina de Ferro foram para mim tremenda decepção: casario velho e enegrecido; nada do furor construtivo dos países ocidentais. Nas montras quase nada que atraísse as atenções; pelo menos, nada que se pareça, nem de longe, com a riqueza dos países ocidentais! A fruta exposta nos mercados é frequentemente de reles qualidade. Perguntei a razão, e disseram-me que a melhor era exportada... O Estado precisa de dinheiro!...»

— E a indústria, em que estado de desenvolvimento a encontrou?

— «Tirando a União Soviética, que não visitei, os restantes países socialistas ficam muito aquém os grandes países industriais do Ocidente, como a Alemanha, a Inglaterra, a França. Falta estímulo e liberdade. Uma pessoa quer comprar um automóvel, e tem de esperar cinco anos na Alemanha de Leste ou, pelo menos, três anos nos restantes países. Razão? Não querem desnivelamento de capitalistas e proletários e, primeiro, é preciso exportar...»

— Parece-lhe que a agricultura se encontra em manifesto desenvolvimento?

— «Na Jugoslávia, sim: campos férteis e bem trabalhados. Na Hungria estranhei numerosos campos a baldio. Perguntei a razão e responderam-me que tanto trabalhar mais como menos; a paga era a mesma. Já assim não sucede na Jugoslávia, onde o operário e o trabalhador recebem na proporção do seu trabalho. Foi aqui que o socialismo me pareceu mais autêntico e de molde a fomentar progresso: os operários e os trabalhadores é que gerem as suas empresas e herdades. O Estado constrói as fábricas; mas são os operários que determinam o que se deve produzir, o que se deve pagar, o que se deve reservar, como a eles compete nomear o director da fábrica. Quanto mais se trabalhar e melhor qualidade se produzir, maior será o rendimento para todos.»

### JUVENTUDE

— Sr. Dr. Freire, a juventude é hoje, no mundo, alvo das atenções. Quais as suas aspirações mais prementes nos países socialistas?

— «A essa pergunta é-me fácil responder, pois foi com a juventude que mais contactei, além dos professores reunidos no Congresso. A juventude, nos países socialistas, foi do mais simpático que por lá encontrei: os Jugoslavos são os andaluzes espanhóis — alegres, generosos, comunicativos ao máximo e simples, cultos e dedicados; há um misto de tristeza e alegria na alma romena, generosos, comunicativos ao máximo e simples: os Romanos foram os que me ficaram mais no coração: simples, cultos e dedicados; há um misto de tristeza e alegria na alma romena, resultante em parte da fusão d Dacos e Romanos. Os checos achei-os extremamente cativantes. Os

Revestia-se, por isso, do maior interesse que o Senhor Doutor Freire nos revelasse as várias facetas desses países tão discutidos no nosso tempo. Para tal, viajámos rumo à cidade minhota de Braga, moderna e airosa, da qual Ester de Lemos soube dizer: «É uma dessas terras que se sonham na distância, cheia de Espírito e de vagar, de sabedoria e de graça, de serenidade clássica sem pose, aristocráticas de raiz, e por isso tão próximas do povo». Dirigimo-nos à Faculdade de Filosofia, edifício amplo e de linhas modernas, onde várias centenas de alunos se acolhem várias horas do dia, no estudo e na investigação filosófica e humanística.

Apenas soube da nossa presença, recebeu-nos com grande entusiasmo, encaminhando-nos para o seu gabinete de trabalho onde, conforme nos pareceu, estava em pleno trabalho na preparação de alguns livros que próximamente, conforme depreendemos, sairão a público.

Acedendo amavelmente às nossas perguntas, respondia com a fogueira de estilo e a beleza de expressão que lhe são tão peculiares, dada — como nos disse — a oportunidade de, através de «A VOZ DAS CINCO VILAS», «dialogar com os seus conterrâneos», pela entrevista que apresentamos.

húngaros, sobretudo, os búlgaros pareceram-me mais retraídos. Em todos os rostos se estampava a tristeza pela falta de liberdade...»

### A PROPÓSITO DA LIBERDADE...

— Mas parece-lhe que é notória a falta de liberdade nos países socialistas?

— «Se é!... Várias pessoas me diziam: «O que nos falta é liberdade». Se não, veja: Não permitem a ninguém visitar a Europa ocidental, nem sequer para ver parentes ou aprender idiomas. Por vezes, os interessados marcam um encontro com parentes para se encontrarem num país da Cortina de Ferro e... à última hora cancelam-lhes a viagem, porque... haviam-lhes violado a correspondência... É horrível! Não se pode entrar com divisas de nenhum país socialista, nem sair com elas. Como não há nada para comprar, se alguém fez o disparate de trocar demasiado dinheiro, fica sem ele ou com ele inutilizado, pois dificilmente lho recambiam. Não querem que os povos socialistas tenham contacto com os do Ocidente. Tentei várias vezes estabelecer contacto com grupos russos, mas logo os vinham chamar... De Salónica até Sófia vinha uma caruagem internacional completamente vazia ou quase (só com três estrangeiros), e obrigavam todos os búlgaros a ir para outra caruagem superlotada, onde imensa gente ia de pé, só porque não queriam que falassem com os estrangeiros... Diga-me lá se isto é liberdade!»

— E que me diz da liberdade religiosa?

— «A religião monta pouco em boa parte destes países, sobretudo nos que são de crença ortodoxa. A juventude é educada no credo comunista. Em Budapeste verifiquei que só gente idosa frequentava as igrejas. Alguns católicos dos países socialistas disseram-me que bastava ter qualquer crença, católica ou não, para se ser posto à margem e ser reputado cidadão de segunda ou terceira classe, quanto a cargos públicos. A opressão pareceu-me a nota dominante do regime nestes países de gente tão simpática... Alguns, como os romenos, foram do mais cativante que encontrei até hoje. Um cavalheiro quis que eu lhe falasse de Salazar, mas sem que alguém ouvisse! E olhava para os lados, com medo de estar a ser espiado. Outro grande papão que ainda reina nos países comunistas: o me-

do da denúncia. Um russo, a quem eu elogiava o progresso técnico da União Soviética, atalhou: «Mas V. sabe o que é viver constantemente ao lado de camaradas que nos poderão denunciar?»

Realmente, meu caro Acílio, o decantado Paraíso soviético não passa de um mito... em que nem os próprios Russos acreditam e, muito menos, os povos satélites.

★

Ao Rev.º Padre Doutor António Freire quer «A Voz das Cinco Vilas» patentear a sua mais viva gratidão que lhe deu com esta entrevista, já que do seu tão precioso tempo sacrificámos estes momentos que, no entanto, serão para todos nós verdadeiro motivo de reflexão.

## Concelhos do Norte do Distrito

Reuniram em Pombal, no passado dia 23 de Janeiro, os presidentes e vice-presidentes das Câmaras de Pombal, Ansião, Alvaiázere, Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pera e Pedrógão Grande. Presentes o Governador Civil do Distrito e os deputados pelo círculo, Drs. Oliveira Dias e Bebian Carreira e sr. Menezes Falcão.

Foram analisados diversos problemas de interesse político-administrativo desta zona do Distrito, nomeadamente a necessidade de fixação de novas indústrias, desenvolvimento do seu turismo e carências de apetrechamento escolar.

Esta reunião é a segunda de uma série de três destinadas ao estudo e debate, com os deputados do círculo, de problemas locais, por parte dos responsáveis pela vida política e administrativa do distrito.

## Ambulância para o hospital de Avelar

(Continuado da 1.ª pág.)

para compra duma ambulância que irá prestar relevantes serviços aos doentes de urgência.

Essa participação foi imediatamente secundada pelo comércio e indústria locais que se inscreveram com verbas de grande vulto, já no montante de algumas dezenas de contos. A ambulância irá custar cerca de 140 contos e a Fundação continua a receber adesões de todos os amigos de perto e de longe.

# A EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE E A FAMÍLIA

ULTIMAMENTE muito se têm discutido os problemas relacionados com a educação da juventude. São governantes, pais de família, mestres, autoridades, todos empenhados em encontrar senão a melhor, pelo menos a mais perfeita maneira de conduzir os jovens ao bom caminho.

Parece realmente, ser um problema que atinge todos, mesmo os países muito desenvolvidos, com extraordinário avanço na ciência e na técnica. Têm as maiores dores de cabeça, para enfrentar as situações que vão surgindo.

Ora bem. Não pretendemos de modo algum ir analisar, nas bem modestas colunas do nosso jornal, o problema da agitação estudantil, sobretudo nas grandes cidades universitárias. Esse

ARTIGO DE

DR.ª MARIA ALICE DE A. MEDEIROS

assunto é demasiado delicado e até complexo, pela mentalidade de causas e repercussões que implica. Longe disso.

Mas, não queremos deixar de pôr à vossa meditação um tema actual e bastante importante na vida de cada um que se preze de ser ou querer, ser, um chefe de família, seja homem ou mulher, como deve realmente ser.

E sem dúvida, que hoje mais do que em qualquer outra época, se torna difícil educar os nossos filhos.

É, pois, necessário e importantíssimo, que cada um no seu lar não encolha os ombros nem tão pouco deixe cair os braços em desânimo, quando um dos muitos problemas surgir.

Infelizmente os jovens de hoje queixam-se e têm razão. A maioria das famílias, deixou de pensar a sério, nos seus filhos e há muito que eles passaram a ocupar posição de 2.º lugar na vida das famílias.

É pena termos de o reconhecer, mas é um facto. Se é uma verdade existirem muitos jovens desviados numa linha de conduta desejável, irreverentes, sem ideal, sem quase um rumo na vida, a enveredarem pelas sendas erradas do vício e da droga, também é certo que reside nas famílias a maior responsabilidade por esse caos.

Hoje mais do que nunca, as mães, abandonam os filhos, a empregados, tantas vezes sem preparação, nem formação, a creches, a estranhos, ou chegam a deixá-los sós, ou na escola da rua. A juventude de hoje tem sede de amor, de carinho, de interesse por parte da família, da sua própria família.

Porque, amigos, é um facto que se tem de reconhecer, à medida que a mulher foi conquistando a sua independência económica e mental, foi em muitos casos esquecendo os seus deveres de mãe e até de esposa.

Hoje mais do que nunca a mulher trabalha ao lado do homem na fábrica, no escritório,

na oficina, na ânsia de conquistar melhores condições de vida. É justo, é humano, é louvável.

Pois bem, no meio de todo esse progresso, há uma lacuna enorme! A maioria dessas mulheres, numa ânsia desmedida de conquistar melhores recursos económicos, relega para segundo plano os seus sagrados deveres de mãe.

E, então, surgem os meninos rebeldes, inadaptados, difíceis, desorientados, tantas vezes jovens, votados ao insucesso na vida, porque lhes faltou o apoio, o carinho, o conselho amigo, na infância e na adolescência.

A juventude de hoje tem como nunca sede e fome de amor e carinho.

Porque não, abdicamos da ida ao cinema, ao baile, à reunião mundana, ao casino, se os filhos precisam tanto dessa hora junto deles?

Quanto valor tem para um estudante a presença terna da sua mãe, e que milagres realiza por vezes um gesto de ternura, uma mão sobre o ombro, que tanta coragem é capaz de incutir!...

Educar, é uma missão sublime e da maior responsabilidade. Envolve pai e mãe na mesma luta, dia a dia minuto a minuto, num esforço único e ímpar.

Quem, como um pai, bem formado, será capaz de olhar o filho bem de frente, e ajudá-lo a resolver tantas angústias, tantas dúvidas, tantas interrogações, que surgem, com a delicadeza, a verdade e a segurança que só o Pai sabe ter? Quem melhor do que a mãe, é capaz de levar a calma, a serenidade, a reflexão, à cabecita no ar, ao coração que começa a ensaiar voos, por vezes altos de mais, capazes de fazerem perder o equilíbrio, à jovem de verdes anos? Só a Mãe.

O Santo Padre há poucos dias, chamava, numa janela do Vaticano, para os pais de família com o coração amargurado e, pedia que criassem nos seus jovens filhos um ideal de paz de amor, de vida espiritual. Os jovens de hoje, amigos, precisam de ser amados pelos pais, e como tal somos nós que os temos

de conduzir, proporcionando-lhe meios de se cultivarem, de se valorizarem sem esquecer nenhum aspecto.

E o chefe Supremo da Igreja Católica, uma das maiores forças a irradiar sobre a terra um mundo de esperança, alertou os chefes de família, para o grave problema que é educar um jovem hoje, num mundo a evoluir constantemente, numa era em que o recurso à guerra parece ser a única solução para tantos problemas.

Nas nossas mãos está depositado um tesouro, é o barro com que se há-de modelar a sociedade do futuro. Eles são os homens e as mulheres do mundo de amanhã.

Saibamos educá-los, criando-lhes um ideal de beleza e de paz. Não recusemos perante as muitas e assustadoras dificuldades. Saibamos vencê-las de cabeça erguida, sem perder a autoridade que a nossa posição de pais nos confere, mas não esquecendo, que os tempos mudam, tudo evolui, e a personalidade de cada jovem tem de ser respeitada, não pode nem deve ser torcida aos nossos belos caprichos.

Enfim com muito carinho, muito entusiasmo, muito boa vontade, e a ajuda de Deus, tudo se consegue e os nossos filhos, serão aquilo que o Senhor espera nós saibamos preparar.

A educação em família, feita pelo pai e pela mãe, marcam sempre e ninguém jamais será capaz de destruir.

(TÁISS)

## Estrada de Tomar

A estrada de Tomar, entre Condeixa e Entroncamento, está a ser reconstruída com alargamento de 1 metro.

Presentemente os trabalhos decorrem no lanço Tojal-Ponte do Espinhal e estão confiados ao empreiteiro Nogueira Seco que tem os seus estaleiros e escritório no alto de Mouta-Bela, próximo de Chão de Couce.

## apontamentos

UMA das grandes aspirações que alimenta o âmago do homem dos nossos dias é a sua exigência de humanismo, a sua fome de plenitude de ideal, a sua ânsia de autenticidade, em contraste com a imagem dum mundo doloroso e chagado, em que a par com o começo da era espacial, coexiste uma outra face, essa ultrajada pela miséria aviltante da subalimentação, da fome e do analfabetismo.

A mensagem cristã surgiu há dois mil anos na História do Homem, anunciando o Amor, a Caridade, a Fraternidade, a Amizade, em suma, o Verdadeiro Humanismo. Foi seu profeta o próprio Deus que, tomando a figura de Homem, mais se quis aproximar de nós. De tal sorte foi fundamental a sua existência histórica que inaugurou o «tempo depois de Cristo», em contraposição com a «época antes de Cristo» (a. C.).

Nessa mensagem evangélica, o Cristo repudiou a religião formalista, afeita a ritos despojados de vivência religiosa e anunciou, com grande escândalo para os seus contemporâneos, uma religião humanística e vital que não escraviza o homem, mas o eleva e dignifica. Denunciou aquela religião só feita de opas e esmolhas, velinhas e flores, religião do Antigo Testamento, religião dos cristãos sem Cristianismo. Apregoou, sim, a religião do Novo Testamento, inserida no Amor, na Caridade, na Fraternidade.

Apraz-nos recordar a parábola do homem caído nas mãos dos ladrões — a parábola do Bom Samaritano; roubado, espancado, ferido, maltratado, semi-morto, necessitado de socorro, jaz na valeta. Passam várias pessoas e, entre elas um levita, este talvez com a lei debaixo do braço e amuletos religiosos ao pescoço, homem somente virado para o culto, alheio porém ao mundo dos homens. Passaram adiante para não se mancharem com a situação inquietante desse ser humano. Foi o samaritano, homem de raça diferente e um escumalha da sociedade, que soube agir, nesse momento, como cristão.

Fome de humanismo! Fome de religião! Fome do verdadeiro Deus!

Importa que saibamos aliar o culto à vida do dia a dia. Não como o levita, homem do culto, que se afastava dos deveres sociais. Cristo, antes de encetar a sua vida pública recebeu, em idade adulta, o Baptismo que Lhe não permitiu uma vida comodamente instalada, mas durante a qual semeou o Bem e foi arauto profético do verdadeiro Humanismo. A sua vida, vivida na entrega total aos outros, levou-o a celebrar com os seus mais próximos colaboradores a Eucaristia, na Última Ceia. Em Cristo, o culto e a vida eram em perfeita aliança.

Se Cristo em vez de viver e anunciar o Amor, de prosseguir por uma comunidade melhor, se se tivesse instalado numa vida indiferente, sem preocupações, nem sacrificios, sem calculismos nem dificuldades, procurando viver sem mais querer saber, teria sido crucificado? Eis o valor da Redenção de uma vida. E caminho de Ressurreição.

A. S. E. R.

# CRÓNICAS DO PASSADO

Ainda alguns indivíduos da freguesia de Aguda nascidos na primeira metade do século passado e vieram a falecer nos primeiros decénios do actual.

★

No lugar da **Ponte de S. Simão** conheci o Manuel Alexandre, mais conhecido pelo Manuel da Azenha, que residia em frente da ponte sobre a ribeira d'Alge. Ao lado Joaquim Simões que percorria as feiras das redondezas vendendo guarda-chuvas e reportórios. Era um grande admirador do Deus Baco.

Manuel Vicente (vizinho), homem bom que residia ao lado da ribeira, em frente de uma fonte cuja água bem merecia ser explorada, pois tem os seus bons predicados. Um seu filho, Izidro, foi sapateiro em Figueiró.

Manuel Inácio, que tinha sido ambulante de fazendas por terras do Alentejo, conseguindo arranjar fortuna. Só me lembro da sua viúva que era cega.

Tinha 2 filhos e 2 filhas. Um

nada fazia por ser um pouco atrazado mental. Outro, José Inácio, farmacêutico, pai da sr.ª D. Aurora Inácio de Faria, do Avelar. D. Conceição que casou com um professor primário, Manuel Jorge, que lhe dissipou a fortuna, indo depois para o Brasil onde foi assassinado devido a aventuras amorosas. D. Maximina que já depois dos 40 anos casou com Pascoal de Melo Freire, sobrinho do sr. Padre Abílio, proprietário da actual casa da residência paroquial de Aguda. o qual veio a falecer sofocado, dentro de um balseiro, por desastre.

Havia ainda o André e o Romão, este fazendo fretes com uma carroça. Homem bom e prestável, o Casimiro dos Santos, hábil sapateiro, que nos últimos tempos da sua vida foi um sacrificado, morrendo desgostoso.

Francisco Simões, moleiro, e Manuel dos Santos (o Manuel Soldado), que prestou serviço militar em Caçadores 6, em Leiria. Sua esposa de nome Fran-

cisca, era uma santa mulher, muito dedicada à minha família de quem era parente. A morte prematura de seu único filho, António dos Santos Fino, pela pneumónica de 1919, consternou-os profundamente.

Da ponte de S. Simão era Manuel da Silva (Manuel Caixeiro), que foi um dos fundadores da fábrica de lanifícios daquele lugar, que ali dava trabalho à mocidade das circunvizinhanças que ali se empregavam.

Tinha 1 filho e 2 filhas. José Simões da Silva, professor que foi em S. Miguel de Póvoas, onde casou com uma colega, D. Júlia Matias e onde veio a falecer. D. Ana da Conceição Silva, que foi casada com o guarda-livros da fábrica Manuel Simões Pires, pai do sr. Fernando Pires, de Figueiró dos Vinhos.

D. Maria da Graça, que faleceu solteiro, era a modista da região.

Havia no lugar uma loja de vinhos e tabacos pertencente a Joaquim Simões, que era pro-

prietário da Taberna da Castraia.

Na Ponte a casa era dirigida por sua mulher, conhecida por Maria da Venda.

Tinham um único filho, José Simões, que foi acusado de ter assassinado um homem em Aldeia de Ana de Aviz, o que o levou até à penitenciária de Lisboa, onde esteve bastantes anos.

Quando regressou com pena cumprida, já não era o Zé da Venda de outros tempos. Pouco mais tempo viveu.

No lugar do Azeitão havia o Bernardo Pires, proprietário, pai de Manuel Simões Pires, acima citado.

Um padeiro de nome Rosendo que lá se instalou e António Simões dos Sobreiros (o lavrador), que mais tarde transitou para o Salgueiro da Ribeira. Avô do sr. Padre Rolando dos Prazeres Simões, pároco da Pampilhosa do Botão.

**Casal Velho.** O maior proprietário era o Figueirinhas, seguido de Manuel Antunes.

Na próxima crónica continuaremos por outros lugares da freguesia.

Poiães, 4-2-1971.

M. LEAL JÚNIOR

## Praça Costa Rego de Avelar

Continuam as obras da Praça Costa Rego, em Avelar, onde será instalado um parque infantil, recinto desportivo, instalações sanitárias e reconstituído o «Farol» que perdura na saúde dos avelarenses.

## O PROBLEMA DOS NOSSOS VINHOS

O problema da saída dos vinhos da Metrópole para o Ultramar foi, recentemente, objecto de uma intervenção na Assembleia Nacional pelo deputado da Guarda, sr. Francisco Carvalho. Na sua intervenção, aquele deputado disse o seguinte:

«O anúncio das medidas tomadas, sobre tal matéria, pelos Governos de Angola e Moçambique, bastou para paralisar o mercado de vinhos, estando a conduzir à ruína os pequenos e médios agricultores, como sempre aqueles que, pela sua falta de disponibilidades, sentem mais depressa e profundamente os efeitos de quaisquer outros que, de algum modo, comprometam ou apenas atrasem a comercialização dos produtos da terra. Mas a verdade é que não são apenas os vinicultores que estão sendo afectados pelas medidas tomadas; de um modo geral, é toda a agricultura, é o comércio e é a indústria que vêm com a maior apreensão o desenrolar de um sistema que virá, segundo crença espalhada por todo o País, abalar a já perturbada economia de tantas unidades que lutam não só pela sobrevivência, como pela expansão, de acordo, aliás, com a política do Governo no sentido de se mentalizarem e adquirirem dimensões que as tornem competitivas, de modo a poderem lutar, com êxito, num mundo que a concorrência desregrada e a demolição das barreiras alfandegárias tornou em autêntica confusão.»

Depois de se referir à gravidade das medidas tomadas e às anomalias verificadas também na exportação de outros produtos, aquele deputado formula as seguintes perguntas:

«Estar-se-á na intenção de facilitar o abastecimento, em outras fontes, dos produtos cuja entrada se venda nas províncias ultramarinas, desde que sejam expedidos do território português e atingido que seja o limite fixado? No momento em que há necessidade absoluta de estreitar a unidade nacional, em que os temas «espaço económico português» e «mercado à escala nacional» estão na ordem do dia e já passaram às páginas do «Diário do Governo», como se compreendem medidas que vão ao arripio de tudo quanto se proclama?»

«Ao terminar, dirijo um apêlo ao Governo, e especialmente aos srs. Presidente do Conselho e Ministros da Economia e do Ultramar, para que se ponderem devidamente os inconvenientes, de de ordem política e económica, que as medidas restritivas tomadas relativamente ao intercâmbio comercial com o Ultramar estão a produzir. Julgo ser de elementar justiça uma completa revisão do problema.»

## Colégio Infante de Sagres de Avelar

Realizou a sua festa anual o Externato Infante de Sagres, de Avelar, com um programa desportivo e recreativo.

Contamos publicar desenvolvimento notícia no próximo número.

# COLABORAÇÃO JOVEM

(Continuado da pág. 6)

2. — Acho que o que se deve condenar nos rapazes de hoje é, em primeiro lugar, a hipocrisia, pois é um grande mal que abunda em muitos. Em segundo lugar a mentira, que acho ser outro defeito e bastante notório.

Faço um apelo a todos os jovens de Chão de Couce para que se unam e fomentem esse convívio são, necessário a todos.

AIDA MARIA SIMÕES DE CARVALHO  
(aluna do 4.º ano da Escola Industrial de Pombal) — Quinta de Baixo — Chão de Couce

★

1. — **Condição indispensável para mim, é ele ser são. Independentemente de quaisquer factores que lhe derem origem, sejam religiosos, políticos, ou outros, é absolutamente indispensável haver uma sanidade de espírito da parte dos intervenientes, de molde a que nesses convívios todos se sintam em perfeita camaradagem. Infelizmente, muitos, se não a grande maioria dos nossos jovens de hoje, como os de ontem, não tiveram uma educação de base, que os ajude a comportarem-se assim. Haverá por isso a necessidade de, nesses convívios, eles serem mentalizados de maneira a portarem-se e a sentirem-se na maior e mais pura camaradagem.**

2. — **Em relação a esta pergunta, considero as duas variantes explícitas uma na outra, por as condenações a fazer, se aplicarem indistintamente aos dois sexos.**

A condenar, verdadeiramente nada tenho. Como já disse, em resposta à 1.ª pergunta, falta-lhes uma educação de base. Claro que há as excepções, mas mesmo essas, serão fruto de meio-ambiente em que vivem, ou de possíveis taras que tenham, e que por isso não são directamente os culpados.

O que condeno, ou a quem condeno, são os educadores, que baseados em deturpações religiosas ou em «tabus» completamente estúpidos, não lhes deram uma preparação ou educação que lhes permita enfrentar a vida e olhar as coisas e factos com o esclarecimento necessário.

Em conclusão, o que é importante, como disse alguém numa entrevista ao «Expresso», é «modificar totalmente os homens nas suas atitudes, nos seus instintos, nos seus objectivos, nos seus valores, etc...»

JOSÉ JOÃO VENTURA DA SILVA

Bairro de «A Tabaqueira», n.º 1, 1.º-esq. — Rio de Mouro

★

1. — Um convívio entre rapazes e raparigas é sempre um fenómeno muito complexo, qualquer que seja o meio em que se efectue ou a idade daqueles que nele colaboram. A verdadeira dificuldade reside precisamente no facto de ser formado por representantes dos dois sexos. A aproximação que deve haver entre eles não é, infelizmente, uma realidade Talvez por deficiente educação anterior, talvez por preconceitos absolutamente ilógicos que ainda existem entre nós. Sem esta aproximação indispensável, acho que é impossível realizar-se um convívio deste tipo. É normal, por exemplo, observar-se em reuniões do género, as raparigas formando um grupo autónomo e fechado e os rapazes outro completamente independente. Ou então, pequenos ajuntamentos de dois ou três ou quatro indivíduos, segundo as velhas amizades ou as preferências tendenciosas. Onde está, portanto, a tal unidade indispensável, a aproximação entre os dois sexos? Chega-se ao fim do convívio, todos se vão embora satisfeitos, mas terão aprendido alguma coisa? Que proveitos, porventura, ficaram da reunião? nenhuns, absolutamente nenhuns. Terá sido um convívio frustrado quanto aos fins que pretendia alcançar.

Além deste factor primordial, existem outros de inegável importância como por exemplo, a compreensão entre os vários constituintes do convívio. Neste aspecto, é absolutamente necessária a não existência de qualquer sentimento ou complexo de superioridade principalmente no caso dos rapazes. É certo que se trata, (se com ou sem razão, não sei) o sexo feminino como sexo «fraco». Mas esta designação não se aplica ao sector intelectual. Muitas raparigas, mesmo uma grande parte, têm uma maneira de pensar muito mais evoluída que a dos rapazes. Não há lugar, portanto, para haver um sentido de desnivelamento que leve a atitudes de superioridade por um lado e de inferioridade por outro.

Outros factores a considerar são a timidez e o acanhamento muitas vezes impeditivos da indispensável colaboração dos vários membros do convívio. Se se trata de um debate ou da discussão de problemas comuns, é necessário que todos dêem a sua opinião e o seu contributo para a manutenção da «chama» do debate. Ninguém se pode fechar numa mudez incompreensível por razões de timidez a que muitas vezes se chega devido ao simples facto de estarem rapazes ou raparigas (conforme o caso) presentes. Lá voltamos ao problema da não existente aproximação entre os dois sexos...

São estas quanto a mim as condições e as dificuldades de um convívio entre rapazes e raparigas.

2. — É muito difícil dar uma resposta a esta pergunta. Há raparigas e raparigas... Dizer que condeno nelas isto ou aquilo, irá atingir umas certas que podem constituir excepções quanto a um defeito que lhes aponte. Como dizia M.me Daudet, «as mulheres são como os pássaros. Cada uma tem a sua «plumagem». No entanto, se pensar bem, acho que posso dividi-las em dois grupos:

I) Num primeiro, englobo as chamadas meninas «bem»: Pertencentes a famílias ricas, possuidoras de um nome que tem «história» na alta sociedade, alunas dos melhores colégios lisboetas. Julgam-se

o centro das atenções gerais, pensam-se cobiçadas pelos rapazes como o ouro pelo mendigo, etc.. Assumem, geralmente, em relação a nós, verdadeiras atitudes de desprezo, perdem-se em «coquette-ries» absolutamente idiotas, pavoneiam-se como se fossem as mais belas damas do Universo... Em resumo, dão mostras de um snobismo incrível. Namoram apenas para dizer que o fazem e para se gabarem disso. Os rapazes são para elas instrumentos de divertimento, nada mais. Se tenho que condenar este tipo de raparigas, apenas digo que não encontro nelas nada, mas absolutamente nada, que se possa aproveitar. Claro que como para todas as regras, também há excepções. Mas são tão poucas...

II) Num segundo grupo, englobo todas as outras raparigas. Se nas primeiras não encontrei uma única qualidade que se pudesse aplicar ao conjunto, nestas não vislumbro qualquer defeito colectivo. Se quisesse apontar as características deste tipo de raparigas, não faria mais que indicar os polos opostos do que mencionei há pouco. Acho, portanto, ser isso desnecessário. Francamente, sem querer lisonjear ninguém, por mais que procure, que tente encontrar uma condenação aplicável a este conjunto, não o consigo fazer. Claro que cada uma tem os seus pequenos ou grandes defeitos. Ninguém é perfeito! Mas uma crítica colectiva! Não, não consigo.

MANUEL LUÍS DE FARIA BLANC (Cascais)

★

1. — **O convívio entre rapazes e raparigas deve decorrer sempre na maior harmonia e sã camaradagem, longe da falsidade e ambição que muitos procuram no meio dessa convivência. Infelizmente o mundo está cheio de oportunistas. Direi ainda que se deve conviver dentro de um ambiente onde se possa pensar e expor certos casos, onde os jovens em questão estejam conscientes dos seus actos. A convivência será o princípio do futuro de muitos.**

2. — **O que condeno na rapariga de hoje é a ambição.**

**E ambição porquê?**

Hoje a maior parte das raparigas não está preparada para o casamento. Para compreender o homem, para elas, está primeiramente o seu bem material. O amor, a compreensão, não contam para elas. Basta saber que vão casar. O que vier depois não importa. Quantas, quando compreendem a verdade, é demasiado tarde. Aquilo que deveriam aprender fica para amanhã. Pois, muitas julgam que amanhã aparecerá o homem dos seus sonhos, cheio de milhões, e então elas poderão ter criadas e tudo aquilo para que nunca chegaram a aprender, mas para mal de muitas os seus sonhos não passam de ilusão! Depois dizem: sou infeliz!

Há ainda aquelas raparigas que deixam de construir um lar feliz, feito pelo amor, para se lançarem nos braços daquele que por ter automóvel é preferido. E amanhã quem sofre serão os pais que tiveram de passar mil sacrifícios para a educar e a vêem infeliz, e ainda aqueles que virão a nascer sem terem culpa dos erros feitos.

Com estas palavras não quero atingir ninguém, pois aquelas raparigas que são cem por cento raparigas, saberão compreender-me e verão que falo verdade.

Fuzileiro Naval, algures na Guiné (natural de Chão de Couce)

★

1. — **O convívio entre rapazes e raparigas acho que deveria decorrer como irmãos! Respeito e ajuda mútua, delicadeza, trabalho em conjunto, caminhando lado a lado a construir, em comum, a alargar o mundo na pureza de uma juventude sem mancha.**

2. — **Eu não me atrevo a condenar os rapazes, pois se eles têm defeitos, nós raparigas também os temos. Quantas vezes eles tomam atitudes indignas. Sim! Mas quem tem a culpa? Não seremos nós? Apenas no que posso condenar os rapazes é na maneira de agir perante a sua formação religiosa, pois querem ser totalmente livres e, como tal, esquecem-se que há Alguém que a todo o momento os espera.**

MARIA HELENA LOURENÇO (Maxial)

★

1. — **O convívio entre rapazes e raparigas, deverá decorrer em amizade pura e cristã, num amor mútuo desinteressado, ou seja, como verdadeiros irmãos.**

2. — **O que mais condeno nos rapazes de hoje é a falta de convivência. Pois como jovens que somos todos, porquê em vez de formar dois grupos diferentes, não formar um só de ambos os sexos? É preciso convivência, compreensão, e acima de tudo respeito.**

ELISA ROSA DOS SANTOS (15 anos — Pombais)

★

1. — **O convívio entre rapazes e raparigas deverá decorrer na maior sinceridade e na mútua colaboração, amizade e, acima de tudo, respeito. Pois, se este convívio for dotado de todos estes admiráveis sentimentos, resultará uma juventude sã, cheia de ideais nobres.**

2. — **Nos rapazes de hoje, embora haja muitas excepções, devem condenar-se os seus modos bruscos e as grosserias inexplicáveis. Alguns julgam-se superiores às raparigas por serem o sexo forte, e as raparigas terão de suportar todas as suas atitudes incivilizadas.**

EMÍLIA RODRIGUES CORREIA — Avelar

# CHÃO DE COUCE

## SALÃO PAROQUIAL

Salas de Catequese e de reuniões, centro de encontro recreativo, e de sessões formativas — tudo pretendemos que seja o Salão Paroquial.

A moderna pedagogia exige que a catequese seja ministrada em salas apropriadas, por classes, com o necessário mobiliário e material didático. Ora tal só será possível com a construção de um novo piso, de modo a deixar livre o amplo salão. Estudou-se uma solução que satisfaz às exigências. Em breve a apresentaremos.

Para já vamos recolhendo fundos para concretizar a obra. Têm a palavra os filhos e amigos da nossa terra.

A provar que não foi em vão o nosso apelo, continuamos com a lista de donativos:

- Henrique Rodrigues Serra — Lourenço Marques — 1.000\$00;
  - Raúl Freire Marques — Idem — 200\$00;
  - Adriano Mendes Morgado — Ramalha — 1.000\$00.
- Total em caixa — 34.200\$00.

O nosso agradecimento. Esperamos que continue.

## NOVOS LARES

Constituíram o seu lar pelo Sacramento do Matrimónio, na igreja paroquial:

— Joaquim Francisco Pereira de Matos, de Vila das Aves (Santo Tirso), residente em Lisboa, e Idalina Mendes de Oliveira, filha de António Caetano de Oliveira Júnior e de Maria José Mendes, de Serrada da Mata. Padrinhos: Adolfo Campos Chaves e Francisco Medeiros.

As nossas felicitações aos novos lares.

## NAS MÃOS DE DEUS

Faleceram, tendo sido sepultados na nossa paróquia:

— Francisco Feire, de Vila Pouca, de 75 anos, casado com Maria do Carmo; faleceu nos Hospitais de Coimbra, vítima de tétano.

— Conceição de Jesus, de 89 anos, viúva de Joaquim Serra, do Casal Soeiro.

— Maria Rosa Medeiros, de 62 anos, casada com Joaquim Furtado dos Santos, do Carril.

— Joaquim Felix de Sousa, de 68 anos de idade, casado com Carmina de Jesus, de Ponte do Freixo. Faleceu nos Hospitais de Coimbra.

— Maria do Carmo de 75 anos, do lugar das Relvas, casado com José Maria, natural de S. Tiago da Guarda.

— Alfredo da Silva, de 67 anos, do Casal de Baixo, casado com Emília de Jesus.

— Emília de Jesus, do Canto, de 74 anos, viúva de Alberto Augusto Lima.

\*

Também em Santos — Brasil, na residência de um de seus filhos, faleceu a sr.<sup>a</sup> Carmina de Jesus, esposa do sr.<sup>a</sup> Manuel Fernandes (Ourives) a qual contava 62 anos de idade e há cerca de 2 anos se havia deslocado, com seu marido, para aquela cidade.

A todos apresentamos sentidos pêsames.

## A BEM DOS POBRES

Dois conhecidos e dedicados conterrâneos emigrantes, agora entre nós, cujos nomes omitimos para não ferir a sua conhecida modéstia, ofertaram à Conferência de S. Vicente de Paulo apreciáveis esmolas que foram e estão a ser entregues aos nossos pobres em donativos periódicos.

Bem hajam e que Deus lhes pague.

## Recenseamento da população

Do recenseamento oficial desta freguesia, extraímos os seguintes números:

**Prédios** — 1.222; prédios de alojamento — 874.

**Famílias**: 744 com 2.181 habitantes.

## O nosso aniversário

Vários jornais se referiram, com amáveis referências ao aniversário de «Voz das Cinco Vilas».

Registamos os nomes dos seguintes colegas: «O Varzeense», «Badaladas» de Torres de Vedras, «Jornal da Bairrada» e «Boa Nova», de Cantanhede.

Também o Director da Biblioteca Pública Municipal, da Figueira da Foz, o nosso ilustre amigo sr. Prof. António Vítor Guerra se nos dirigiu com as suas felicitações.

Muito gratos a todos.

# EDITAL

## RECENSEAMENTO DOS CHEFES DE FAMÍLIA

MÁRIO SIMÕES VAZ, Presidente da Junta de Freguesia de Chão de Couce.

Faz público, nos termos e para os efeitos do disposto no art. 212.º do Código Administrativo, que, a partir do dia 1 de Fevereiro até ao dia 15 de Março, poderão os chefes de família requerer a sua própria inscrição ou a de terceiros no recenseamento eleitoral desta freguesia, se uns e outros, reunindo as condições de capacidade eleitoral, não estiverem já inscritos. Têm capacidade eleitoral e como tal podem ser inscritos no recenseamento:

1.º — O cidadão português com família legitimamente constituída que com ele viva em comunhão de bens e habitação e sob a sua autoridade;

2.º — A mulher portuguesa viúva, divorciada, judicialmente separada de pessoas e bens, ou solteira, maior ou emancipada quando de reconhecida idoneidade moral, que viva inteiramente sobre si e tenha a seu cargo ascendentes ou colaterais;

3.º — O cidadão português, maior ou emancipado, com mesa, habitação e lar próprios.

Para constar se passou este e outros de igual teor que serão afixados nos lugares do estilo. Chão de Couce, 30 de Janeiro de 1971.

O Presidete da Junta,  
Mário Simões Vaz



## PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Administração

## CHÃO DE COUCE

Telefone 32191 (rede de Avelar)

## Condições de Assinatura Anual:

Continente .....	20\$00
Ultramar Português e Estrangeiro .....	30\$00
Por avião .....	60\$00

(Pagamento Adiantado)

## Pagamento de assinaturas

Perguntam-nos: — Quando se paga o jornal?

Pois o jornal paga-se ao longo do ano, de preferência no seu início. À medida que vamos recebendo vamos satisfazendo os encargos da tipografia e correios que anda a passar de 30 contos anuais.

Onde pagar? Na nossa região aos Rev.<sup>os</sup> Párocos e, ainda, nas seguintes casas:

**Chão de Couce** — Manuel Gomes da Silva.

**Pedra do Ouro** — Mário Simões Vaz.

**Avelar** — Farmácia Medeiros e Eduardo Estanqueiro Rocha.

**Faço** — Armando Duarte dos Santos.

De fora, por cheque, vale, moeda, etc., através dos correios que se encarregam de trazer tudo certo.

Amigo leitor, não esqueça que o jornal espera por si!

## ASSINANTES BENEFITORES

Com 200\$00 — Henrique Rodrigues Serra — Lourenço Marques; Adriano Mendes Morgado — Ramalha.

Com 150\$00 — Adriano Augusto Gaspar — Santos — Brasil.

Com 100\$00 — Raúl Freire Marques — Lourenço Marques; Alfredo dos Santos e Alberto da Conceição Ferreira — Rodésia; José Rodrigues Bicho — Alemanha; Eng. Valentim Fernandes dos Santos — Lisboa; Emídio Marques Cerejeira — Lourenço Marques.

Com 75\$00 — Ramiro Pereira Rocha — Gabela — Angola; Jorge Mendes dos Santos — Luanda.

## OUTROS ASSINANTES

José Rodrigues — Lourenço Marques; Manuel Simões Casanova — Lagoa; Manuel Godinho — Lagoa; Alfredo Godinho — África; Manuel José — Ramalha; José Veríssimo — Chão de Couce; Hermes Pedro da Costa — Lisboa; Joaquim Marques — Venezuela; Manuel Rodrigues Dias — Barroca; Alberto Rodrigues Dias e Fernando Rodrigues Dias, de Santos (Brasil); Ambrósio da Conceição Simões — Luxemburgo; D. Lúcia da Conceição Simões — Vila Cabral; Silvério dos Santos Simões — Fato; D. Florinda dos Santos Faria — Chão de Couce; Joaquim dos Santos Silva — Moçambique; Carlos da Silva Ventura — Brasil; Adelino Gomes da Silva — Luanda; José dos Santos — Lobito; Alberto Lucas Afonso — Lisboa; Abílio Mendes da Silva — S. Mouro; Abílio Freire Correia — Tojeira; Alfredo dos Santos — Chão de Couce; D. Maria do Carmo Vale — Coimbra; Manuel dos Santos — Tomar; Joaquim Duarte — Lisboa; António F. Neno — Trás da Vinha; Gra-

# Ser Cristão é abrir-se ao perdão de Deus

«Mudai de vida porque está próximo o Reino de Deus»

(Do Evangelho)

- O Cristão não é aquele que não peca, mas sim o que, quando fracassa, sabe levantar-se.

- Jesus Cristo veio para os pecadores!

«Eu vim, não para os bons, mas para os pecadores».

(palavras de Cristo)

- Não há Vida Cristã sem receber o perdão de Cristo. Este é dado na Confissão, que é

## O ENCONTRO DA ALEGRIA

A Confissão, para mim, dizia o Carlos, durante muito tempo, pouco ou nada me dizia; era um pesadelo. Limitava-me a apresentar ao padre uma lista de pecados, quase sempre a mesma. Mas a minha vida em nada mudava...

Foi num retiro que descobri que a confissão é um encontro com Jesus Cristo e com os outros e que me leva a comprometer perante ambos a uma vida melhor.

(testemunho de um jovem)

Se te contentas em fazer só o mínimo daquilo que o dia a dia te exige...

Se a aventura da vida te enche de medo...

Se te encontras bem, tal como estás...

Se não tens problemas... e nada te preocupa...

Se pensas que ser cristão é só ir à missa ao domingo e fazer a comunhão pascal...

## NÃO FAÇAS A COMUNHÃO PASCAL

...ela não é para ti...

Se queres mudar de vida e pôr nela o sinal de +

Se a aventura da vida não te amedronta

Se estás inquieto e és exigente

Se tens problemas

Se estás disposto a ouvir o convite de Cristo para uma Vida Nova e a dares-Lhe uma resposta

Se tens vontade de ir ao encontro dos outros e amá-los...

## NÃO HESITES! FAZ A COMUNHÃO PASCAL

...ela é para ti...

cinda J. Deus Amado — Coimbra; Diamantino Silva Dias — Ferrarias; Joaquim Afonso — Beira; Heitor Marques — Porto de São Simão; João de Deus — Montes; António Rodrigues Borges — Ameixieira; Manuel da Silva — Venezuela; Virgílio Simões Pinheiro — Lisboa; Armando Ferreira — Amieira; Emídio Rosa da Silva — África do Sul; D. Elvira Barata — Avelar; Adelino Félix de Sousa — S. da Mata; Albino das Neves Lopes — África do Sul; Aires Nunes Marques — Barroca; Emídio da Silva — Amieira; Arlindo Simões — V. G. Roçadas; Abílio Furtado Ribeiro — Cabecinho; Virgílio da C. Lopes e Ricardo da C. Lopes — Lourenço Marques; Amélia Ferreira — Amieira; Alberto Coimbra — Rana; António Simões Sobreiros Rapoula; Manuel Simões Peres — Avelar; Saúl Duarte dos Santos — Amora; António Simões — Cavadas; Manuel José Veríssimo — Lisboa; Alberto Nunes — Furdouro; Mário Mendes — Aguda; Abílio Augusto Lima e Arménio Fernandes Lopes — Santos; Alberto Teixeira — Oeiras; Alberto Lopes — Galegas; Manuel Rodrigues da Silva — Ameixieira; João Rosa — França; António Alberto Franco (França); Maria Helena da Conceição — Coimbra; Marçalo da C. Caetano — Barroca; Maria Augusta da Conceição — Queluz; V.<sup>a</sup> de Manuel Lourenço — Pombais; Eduardo da Silva Santos — Cabecinho; Fernando Simões Vaz — Venezuela; Manuel Gaspar — Beira; David Lima da Silva — Quelimane; Acácio dos

Reis — Angola; Américo de Deus — Luxemburgo; D. Maria Ilda de Jesus — Colares; Francisco Teixeira M. Afonso — Pereira; Alberto Marques Fernandes — Rodésia; António Mendes da Silva — Fonte; António Magno — Mata de S. Jorge; António Augusto — Mata de S. Jorge; Alfredo Caetano da Silva — S. Paulo; Francisco Faustino — Cabecinho; Alberto Marques — Chão de Couce; Augusto Dias dos Santos e Adriano Dias dos Santos — Santos (Brasil); Carlos Alberto Lopes — Venezuela; António Lopes — Amieira; Acácio Lopes — Lisboa; Manuel da Silva Patrício — Angola; António Caetano de Lima — Leiria; António dos Santos e Artur dos Santos — C. Soeiro; Ana da Conceição — Lisboa; Adriano Marques — Mata de S. Jorge; Emídio José Veríssimo — França; Adriano José Veríssimo — L. Marques; Manuel Freire — Alqueidão; Mário Simões — Cómoros; António Mendes — Cómoros; Arlindo Joaquim — Tojeira; José Mendes Paideiro — Santos; Manuel Godinho Espinheira; Augusto Freire — Chão de Couce; Jorge Freire — Chão de Couce; Mário Pereira da Silva — P. Freixo; Armando Castela — Mata de S. Jorge.

## BRINDES

Tiveram a gentileza de nos enviar artísticos calendários o nosso amigo Manuel Marques, de Santos (Brasil) — Posto Marilú — e a casa «Petrólis» — de Leiria.

O nosso agradecimento.

# COLABORAÇÃO JOVEM

*Voz*  
das  
**Cinco Vilas**

Pelo Progresso Espiritual  
e Social da Região

## NOTA DO MÊS

### Nós e a Paróquia

Após o nascimento, todo o ser humano é inscrito no registo de uma freguesia. Fica a pertencer a ela. Ainda que se afaste para longe, permanecerá sempre vinculado ao lugar onde nasceu. Na cédula pessoal, no bilhete de identidade, na documentação civil, militar, criminal e fiscal, figurará, como recordação saudosa e amiga, o nome da terra onde viu a luz do dia.

Assim com o cristão. Quando «nasce para Deus», no dia do Baptismo, fica ligado a uma paróquia. Toda a sua vida de filho de Deus, de apóstolo, de sacerdote, de futuro herdeiro do céu, começa ali, na igreja.

A história religiosa de qualquer baptizado, seja ela engastada de virtudes, ou tecida de crimes, deserções, apostasias, tem o seu início nessa cerimónia transcendente. Pode dizer-se do Baptismo o que foi dito de Jesus: «É um sinal de contradição».

Para os cristãos bem formados ele constitui o pórtico de entrada nessa comunidade viva e actuante, que deve ser a Paróquia. Para os outros — a maior parte, essa ideia de uma cristandade em marcha, que é toda a verdadeira família paroquial, fica completamente desconhecida.

Estão integrados nela sem saber porquê, como massa anónima ou peso morto. Interessam-se apenas com as exterioridades: festas, procissões, varas do pálio, conservação dos templos.

E será honroso para a Paróquia, possuir uma igreja bela, espaçosa, bem provida de alfaias sagradas, quando, de ano para ano, ela vai ficando cada vez mais vazia pela fuga de tantos que desertam?

A Paróquia há-de ser constituída por dois elementos fundamentais: o «templo», o lar comum, o centro de abastecimento e de irradiação espiritual através do altar e do púlpito. O outro, a «própria comunidade dos crentes», desde os mais pequeninos aos maiores, que quais células dum mesmo corpo, ou ramos da mesma árvore, manifestam a mesma vida — a «Graça». Por isso a vida espiritual do cristão actuando na Paróquia, deve contribuir para a sua constante renovação. A Paróquia, por sua vez, qual outra mãe, gera os filhos no seu seio, alimenta, educa, forma e prepara-os para as grandes tarefas da vida.

FEVEREIRO DE 1971

## ÀS PERGUNTAS...

1. — EM QUE CONDIÇÕES DEVERÁ DECORRER O CONVÍVIO ENTRE RAPAZES E RAPARIGAS?
2. — PARA OS RAPAZES: — QUE CONDENAS NAS RAPARIGAS DE HOJE?  
PARA AS RAPARIGAS: — QUE CONDENAS NOS RAPAZES DE HOJE?

Podemos dizer que resultou o nosso convite à colaboração dos jovens.

Cerca de uma dezena de rapazes e raparigas vieram com os seus depoimentos valiosos, cheios de espontaneidade e de frescura, dar resposta às perguntas formuladas. É um contributo valioso que assim dão aos temas em debate.

Dada a circunstância da lonjura de centenas de leitores do Ultramar e Estrangeiro, para que se possibilite a esses e a outros mesmo do Continente a participação nesta útil troca de impressões decidimos adiar por mais um mês a colaboração jovem sobre os temas indicados. Continuamos pois a aguardar os seus depoimentos.

No final serão sorteados os livros «Problemas dos Nossos» e «Juventude Rebelde».

Eis os depoimentos de alguns jovens:

1. — Hoje, aliás como sempre, penso que um dos problemas, é o convívio entre rapazes e raparigas. Já porque esse convívio nunca é encontrado como pretendemos, já porque nós jovens muitas



vezes o não sabemos criar. A meu ver existem concepções primordiais para haver um grupo de rapazes e raparigas. Uma condição que aponto e que penso ser vital num grupo para poder haver um convívio são e desinteressado, é a amizade. Muitas vezes esta amizade que procuramos no grupo em que convivemos é levada sob um disfarce que conduz ao desfazamento. É esta desunião que devemos evitar, pois que estão em jogo as condições psicoló-

## ...RESPONDERAM

- MARIA JUDITE CABRITA (Alvaiázere)
- AIDA MARIA S. CARVALHO (Chão de Couce)
- JOSÉ JOÃO VENTURA DA SILVA (Rio de Mouro)
- MANUEL LUIS FARIA BLANC (Cascaes)
- FUZILEIRO NAVAL DA GUINE
- MARIA HELENA LOURENÇO (Maxial)
- ELISA ROSA DOS SANTOS (Pombais)
- MARIA JOSÉ MEDEIROS (Avelar)
- EMÍLIA RODRIGUES CORREIA (Avelar)

gicas, que caracteriza a personalidade do indivíduo em formação. Estes convívios creio-os necessários. É no discutir, no ouvir, no compreender, que poderemos formar as nossas faculdades morais convenientemente. E só convivendo e conhecendo outros rapazes, outras raparigas, outras formas de ver os mesmos problemas, conseguiremos chegar a uma conclusão aceitável.

2. — Existem determinados aspectos que são condenáveis nos rapazes de hoje. Para mim há pontos graves em que os rapazes pecam: a falta de senso, a falta de sentido das responsabilidades.

Há rapazes que hoje em dia, usam a liberdade de forma monstra, não evitando os obstáculos. Não desdenho a liberalidade desde que esta seja usada com senso! Mas poucos hoje a vêem desta maneira. Para tudo existem limites. E muitos vêem-se limitados quando já atingiram o fim, sem proveito cómodo. Como indivíduos que se drogaram para com isso não sentirem o peso das responsabilidades! Onde estão os homens que amanhã governarão o mundo? Condeno estes e todos aqueles que ainda não perceberam que viver não é vegetar. Não é actuar sem ponderação, só porque é moderno, mas

## SOIS JOVENS...

... Quem diz juventude, diz coragem, entusiasmo, generosidade, confiança no futuro... E permitin-os um conselho amigo que por certo não vos desgostará: sede e continuai a ser jovens; jovens, pela pureza de coração, pois o pecado envelhece as almas prematura-mente; jovens pelo espírito de iniciativa e são optimismo, que desconhece a dúvida e o desalento; jovens pelo desejo e vontade eficaz de construir um futuro feliz para a nossa geração e gerações vindouras.

PAULO VI

atender às conveniências, às necessidades alheias, porque os outros são humanos, e carecem de ser atendidos um de cada vez, como é próprio do Homem.

MARIA JUDITE CABRITA (Alvaiázere)

★

1. — Quanto a mim, o convívio entre jovens rapazes e raparigas deve ser simples, natural, semelhante ao convívio entre irmãos que se estimam.

2. — Nos rapazes da minha idade tenho verificado com desgosto que eles são muito superficiais. Ligam principalmente ao aspecto externo das suas camaradas, sem se importarem com as qualidades da alma, que, quanto a mim, têm mais valor.

Também detesto o uso e abuso que eles fazem de vestuário efeminado, dos longos e pouco higiénicos cabelos, que os tornam, às vezes, bastante ridículos.

Também noto, com desgosto, que a maioria não trata com delicadeza e educação as suas companheiras, não se comportando como cavalheiros inteligentes, capazes de já terem pousado na Lua.

MARIA JOSÉ MEDEIROS — 16 anos — Avelar

★

1. — Para mim que sou jovem, o convívio entre rapazes e raparigas deve decorrer com respeito mútuo, simplicidade e sinceridade. Sem sinceridade, os jovens de hoje nunca poderão ter grandes amizades.

Devemos ter convívio neste ambiente, pois a juventude é forte, e assim conseguiremos um mundo melhor onde exista a paz onde abunda a guerra.

(Continua na pág. 5)

## GALERIA INFANTIL



Foi assim, num amigo e alegre convívio, que o nosso fotógrafo foi surpreender estes camaradas de de palmo e meio!

Quem são? É quase tudo família! São flores dos lares dos srs. Alberto Lopes (Ponte do Freixo),

Américo Lopes (Amieira), Humberto Fernandes (Vendas de Maria), Fernando Marques (Pontão) e Arménio Marques Ferreira (Pedra do Ouro).

Que Deus proteja estes homens e mulheres do futuro!